

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
(Comissão Nacional da UNESCO)
Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil.

DISCURSO DO SR RENATO ALMEIDA, SECRETÁRIO-GERAL DA COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, AO INAUGURAR A III SEMANA DE FOLCLORE EM PÓRTO-ALEGRE, A 22 DE AGOSTO DE 1950

...

Nesta terra gaúcha, generosa e boa, venho inaugurar em nome e por honrosa delegação do Dr. Levi Carneiro, Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, a III Semana Nacional de Folclore, saudando de todo coração os folcloristas do Rio Grande do Sul e também a gente simples e ardente destes pagos, donde brotam espontâneas e puras tantas e tão belas expressões da nossa arte popular, vindas com a tradição imemorial e perpetuadas na continuidade infrangível do tempo. Eu saúdo os peões e os vaqueiros que, pela campanha afóra, galopam e domam os animais bravios; eu saúdo os que, nas querências, contam velhas estórias; eu saúdo os gaiteiros que, ao som cálido de suas sanfonas, desfilam ou cantam algumas das canções mais bonitas do Brasil; eu saúdo os condutores das carretas pelas coxilhas; eu saúdo os que acendem suas velas ao Negrinho do Pastoreio para achar as coisas perdidas; eu saúdo os que nos ranchos dançam os bailes afandangados da terra; eu saúdo o gaúcho impetuoso de poncho e bombacha estafando animais pelas lonjuras das suas intermináveis planícies. Eu saúdo por fim esta magnífica equipe da Comissão de Folclore do Rio Grande do Sul que, conduzida pelo dinamismo, pela inteligência e pelo entusiasmo de Dante de Laytano, mantém as tradições gloriosas de Simões Lopes Neto, Roque Calage e Alcides Maya e traz uma inestimável contribuição ao conhecimento do nosso folclore, de que esta Semana, que tenho a honra de declarar inaugurada, é um alto testemunho imposto à nossa admiração.

Os folcloristas de todo o Brasil, que a Comissão Nacional de Folclore reúne, vos estendem cordialmente as mãos para que as unamos no mesmo propósito de trabalho pela causa que nos congrega.

A hora de júbilo, porém, não nos faça esquecer a realidade. O labor folclórico tem um caráter científico, é silencioso e discreto, na pesquisa atenta, no confronto minucioso, na conclusão exata. São atividades que exigem discreção, solidariedade, simpatia humana, inesgotável boa vontade. Como toda ciência social, o folclore é um esforço de equipe, no qual cada qual traz a sua pedra, valiosa ou humilde, nunca despiciente. É uma ação que não se faz em feira de vaidades, que custa a informar-se, a concretizar-se, a aparecer. Nada lhe é mais prejudicial do que a generalização apressada, o recurso literário, as soluções forçadas, a aproximação imprecisa, para não falar no infecundo amadorismo, que tem sido um elemento pertinaz da sua deformação.

O fato folclórico não é um elemento apenas da história tradicional do povo, mas um fenômeno vivo, que reflete o comportamento dos conglomerados humanos em face das suas realidades, em função sempre das ações aculturadoras. O folclore é um traço de realidade, não é um dado arqueológico ou histórico. Nêle o consuetudinário se torna vida, é uma sobrevivência que se faz existência contínua, transformando-se incessantemente. Poderíamos com justeza dizer que o folclore é um perpétuo vir-a-ser.

Por isso mesmo, o seu estudo exige a mesma perseverança, método e cuidado com que se consideram os fenômenos biológicos. Como ciência do homem está fixa no plano sociológico, nas relações intercruzadas da existência coletiva das sociedades. A história, a etnografia, a psicologia e outras ciências não o circunscrevem, valem como luzes sobre ele projetadas para a sua revelação integral.

Necessitamos insistir pois para que o folclore seja de vez encarado, no Brasil, pelo seu aspecto científico, com lugar devido no currículo universitário, onde se formarão pesquisadores e se aprimorarão as verdadeiras vocações folclóricas, com pesquisa sistemática, laboratórios de verificação e confronto, técnica profissional. Do contrário, permaneceremos no terreno da experiência de boa vontade, onde os que podem não fazem o que poderiam, à míngua de recursos.

O programa da Comissão Nacional de Folclore se tem orientado no sentido de criar um ambiente, que já se vai esboçando auspiciosamente, no qual seja possível dar ao folclore os instrumentos indispensáveis para o seu trabalho. Proclamo a necessidade, que temos acentuado tantas vezes, da criação de um serviço nacional de folclore, devidamente aparelhado e ramificado em todos os Estados, para conhecer a sabedoria, a prática e a arte tradicional do nosso povo.

A Comissão Nacional de Folclore não é um centro de estudos nem uma sociedade de particular. Tem por função precípua encorajar as atividades folclóricas onde quer que se realizem, estabelecer o contacto entre os folcloristas e despertar o amor pelo cultivo do folclore. É pouco mais do que um centro de convergência e distribuição de trabalhos e informações, estimulando também, pelos modestos meios ao seu alcance, a ação dos folcloristas.

É o que temos procurado fazer. Daí as Semanas Folclóricas, de que esta é tão belo exemplo; o empenho pela sobrevivência dos folguedos folclóricos, procurando obter o apóio das municipalidades ou pelo menos evitando que as mesmas os taxem com pesados impostos não raro proibitivos; a campanha pelo aproveitamento do folclore na educação, que levamos agora à Unesco, permitindo ao Brasil a honra de ser o primeiro país a recomendá-lo a todo o mundo; a criação de cursos de extensão universitária, sobre folclore, como estabeleceram as Faculdades de Filosofia e Letras das Universidades do Brasil e da Bahia; o envio de comunicações e boletins bibliográficos e noticiosos aos folcloristas brasileiros e a numerosos centros estrangeiros; as relações com entidades folclóricas e folcloristas do exterior; o catálogo que se completa, da música folclórica registada mecânicamente; a publicação de boletins folclóricos pelas Comissões dos Estados, como estão fazendo, com tanto êxito, o Espírito Santo e Santa Catarina; o esboço de um inquérito sobre Festas Populares, que esperamos ver realizado em 1951, com o generoso auxílio do IBGE e das Secretarias de Educação dos Estados; o, por fim, a convocação do I Congresso Brasileiro de Folclore, que esperamos instalar na data de hoje do ano vindouro, na capital da República, celebrando o centenário do nascimento dos grandes pioneiros de nossos estudos Silvio Romero, Pereira da Costa, Manoel Querino e Válio Cabral.

Há um ano, tive o prazer de dizer todo o mérito do trabalho da Comissão do Rio Grande do Sul, salientando a criação do primeiro museu universitário, que foi obra da vossa tenacidade e que se há-de completar com a sua organização definitiva. Encontrei sempre nesta terra uma acolhida entusiástica e leal, como é do vosso caráter e, por isso mesmo, se vos trago o louvor da Comissão Nacional de Folclore, a que se junta o da Diretoria do IBECC, devo dizer-vos que não nos espanta o vosso certame. É que sabemos todos da vossa capacidade para organizar e admiramos a vossa inteligência, o vosso amor, a vossa tenacidade.

Destes, meus amigos, no vosso programa, uma bela mostra do que nos cabe realizar - o estudo e a pesquisa, a troca de seus resultados, a demonstração das artes populares e a revivência dos folguedos folclóricos. Os primeiros, para os especialistas: favorecendo-lhes dados, informações, elementos de trabalho, co-ope-ração em suama; os outros, com destino geral, para despertar o gosto pelas coisas do povo, onde palpita um lirismo denso de inspirações artísticas e se torna um elemento considerável na estética brasileira.

É confortador o exemplo que aqui se apresenta ao país, onde não conseguimos ainda sincronizar todos os companheiros neste mesmo ritmo de entusiasmo, cal- paz de realizações desta monta. A convicção é lenta e necessita de evidências que nem esta para animar e fecundar.

Com o apóio que temos recebido da Diretoria do IBECC, do seu eminente presidente, meu preclaro amigo Dr. Levi Carneiro, vamos cumprindo o nosso programa, abrindo caminhos para chegar até aquele ponto almejado, do qual não sabemos ainda a quanto distamos, e onde os folcloristas encontrarão um organismo oficial, que lhes permita desenvolver plenamente suas atividades, para o conhecimento exa- to da nossa cultura popular.

Muito temos ainda de pelejar e com muita dedicação, muita constância, muita indulgência. Que o vosso exemplo de agora possa medrar pelo Brasil afóra, de sorte que seja perfeita a mobilização para o I Congresso Brasileiro de Folclore, que deve ser o nosso primeiro triunfo, como demonstração cultural, como expressão de vontade, como solidariedade em torno dos mesmos propósitos.

Eu conclamo, deste recanto amado da nossa terra, os folcloristas e os que amam as artes populares para a tarefa comum, tarefa de inteligência, de sensibilidade, de patriotismo. Eu os conclamo a levar não só os seus estudos, os seus trabalhos, os resultados de suas investigações para o brilho do nosso Congresso, mas o seu entusiasmo e a sua confiança, a sua fidelidade ao ideal que nos une, a fim de que possamos revelar ao Brasil essa expressão profunda da alma de sua gente, traço marcante do espírito nacional.